

*Rilla de  
Ingleside*



# *Rilla de Ingleside*

LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução  
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês  
*Rilla of Ingleside*

Texto  
Lucy Maud Montgomery

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

Tradução  
Rafael Bonaldi

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Preparação  
Mariane Genaro

Ilustração de capa  
Beatriz Mayumi

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

M787r Montgomery, Lucy Maud  
Rilla de Ingleside / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020. 320 p. ; 16cm x 23cm. - (Ciranda Jovem)

Tradução de: Rilla of Ingleside  
Inclui índice.  
ISBN: 978-65-5500-297-3

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Romance.  
I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-1312

CDD 028.5  
CDU 82-93

---

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição revista em 2020  
[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

“Notas” sobre Glen e outros assuntos .....	7
Orvalho da manhã .....	19
Alegria ao luar.....	25
A música do flautista.....	38
O som de uma partida .....	51
Susan, Rilla e Segunda-feira tomam uma decisão .....	66
Um filho da guerra e uma sopeira.....	74
Rilla toma uma decisão.....	84
Doc tem um acidente.....	92
Os problemas de Rilla .....	98
Escuro e claro.....	109
Os dias de Langemarck.....	120
Uma dose de humildade.....	127
O vale da decisão .....	137
Até o amanhecer .....	145
Realismo e romance .....	153
As semanas passam .....	166
Um casamento de guerra.....	180
“Não passarão” .....	193
Norman Douglas se pronuncia durante a reunião.....	202
Problemas amorosos são horríveis.....	208
O Segunda-feira sabe .....	214
Então, boa noite .....	221

Mary chega a tempo.....	227
A partida de Shirley .....	237
Susan é pedida em casamento .....	246
Esperando.....	256
Domingo obscuro.....	272
Ferido e desaparecido .....	278
A maré muda.....	283
A senhora Matilda Pitman .....	289
Notícias de Jem .....	300
Vitória! .....	308
O senhor Hyde parte e Susan sai em lua de mel.....	311
“Rilla-a-Marilla!” .....	315



## “Notas” sobre Glen e outros assuntos

Era uma tarde agradável e prazerosa, repleta de nuvens douradas. Susan Baker acomodou-se na grande sala de estar de Ingleside com uma aura taciturna de satisfação ao seu redor. Eram quatro horas da tarde, e Susan, que tinha trabalhado incessantemente desde as seis da manhã, sentia que merecia uma hora de descanso e fofocas. Ela vivenciava a mais pura felicidade, tudo havia corrido estranhamente bem na cozinha naquele dia. O Doutor Jekyll não se transformara no Senhor Hyde<sup>1</sup>, de maneira que ela não havia ficado nervosa. De onde estava sentada, ela podia admirar o orgulho de seu coração: os canteiros de peônias plantadas e cultivadas por ela mesma, que floresciam como nenhum outro em todo o vilarejo de Glen St. Mary, com flores em tons de carmesim, de um rosa-prateado e também brancas como a neve.

Susan vestia uma blusa nova de seda preta, tão elaborada quanto qualquer roupa que a senhora Marshall Elliott usaria, e um avental branco e engomado adornado por um intrincado laço de renda em

---

<sup>1</sup> Personagens do livro *O Médico e o Monstro*, lançado em 1886, do escritor escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894). (N. T.)

crochê de três centímetros de largura, sem mencionar o acabamento combinando. Ela, então, abriu a última edição do *Daily Enterprise* com a confiança plena de uma mulher bem-vestida e preparou-se para ler as “Notas” sobre Glen, que, conforme a senhorita Cornelia acabara de contar, ocupavam metade de uma coluna e citavam quase todos os moradores de Ingleside. A manchete em letras grandes e destacadas na primeira página do periódico informava que um tal arquiduque Ferdinando<sup>2</sup> tinha sido assassinado em um lugar com o esquisito nome de Sarajevo, todavia Susan não dava atenção para esse tipo de assunto desinteressante e irrelevante; ela estava em busca de algo realmente vital. Ah, ali estava, “Notas de Glen St. Mary”. Susan acomodou-se melhor e leu em voz alta para desfrutar ao máximo de cada palavra.

A senhora Blythe e a visita, a senhorita Cornelia (aliás, a senhora Marshall Elliott) conversavam próximas à porta aberta que dava para a varanda, por onde entrava uma brisa fresca e deliciosa trazendo sopros do perfume do jardim e ecos alegres do canto encoberto por vinhas, onde Rilla, a senhorita Oliver e Walter riam e conversavam. Onde quer que Rilla estivesse, havia risadas.

Havia outro ocupante na sala, enrolado no sofá, que não poderia ser deixado de lado graças à impressionante singularidade e, principalmente, por ter a distinção de ser a única criatura viva que Susan de fato detestava.

Todos os gatos eram misteriosos, mas o Doutor Jekyll-Senhor Hyde, apelidado de “Doc”, ultrapassava todos os limites. Era um gato com personalidade dupla (ou, como jurava Susan, possuído pelo diabo). Em primeiro lugar, havia algo de singular desde a alvorada de sua existência. Quatro anos antes, Rilla Blythe ganhara um adorável gatinho branco como a neve, com uma macha preta na ponta do rabo atrevido,

---

2 Francisco Fernando Carlos Luís José Maria de Áustria-Este, arquiduque da Áustria cujo assassinato, em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, foi o estopim para o início da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

que ela chamou de Jack Frost. Susan não simpatizou com Jack Frost logo de início, por mais que não soubesse ou pudesse explicar o motivo.

– Escreva o que estou dizendo, querida senhora – disse em tom sombrio –, aquele gato ainda vai nos dar trabalho.

– Por que você acha isso? – perguntou a senhora Blythe.

– Eu não acho, eu sei – foi tudo que Susan dignou-se a dizer.

Jack Frost era o favorito de todos os outros habitantes de Ingleside. Estava sempre limpo e arrumado, sem uma mancha sequer no belo casaco branco; ronronava e enroscava-se carinhosamente e era escrupulosamente honesto.

Então, aconteceu uma tragédia doméstica em Ingleside. Jack Frost teve quatro filhotes!

Seria inútil tentar descrever o triunfo de Susan. Ela não tinha avisado desde o começo que aquele gato acabaria se revelando uma desilusão ou uma fraude? Pois ali estava a prova!

Rilla ficou com um dos gatinhos. Era muito bonito, com um pelo especialmente macio e lustroso de um amarelo-escuro e listras cor de laranja, orelhas largas, acetinadas e douradas. Ela o chamou de Dourado, nome que pareceu apropriado para a criaturinha brincalhona que, durante a infância, não demonstrou indício algum da natureza sinistra que tinha. Susan, é claro, alertou a família de que nada de bom poderia vir da cria do diabólico Jack Frost; entretanto, ninguém deu ouvidos às suas lamúrias proféticas.

Os Blythes se acostumaram tanto a se referir a Jack Frost no masculino que não conseguiram abandonar o hábito, de forma que continuaram a usar o pronome masculino, ainda que o resultado fosse ridículo. Os visitantes ficavam um tanto aturdidos quando Rilla referia-se casualmente a “Jack e a cria dele”, ou quando dizia com ousadia para o Dourado: “Vá lá com sua mãe e peça a ele que limpe seu pelo”.

– É indecoroso, querida senhora – dizia a pobre Susan com amargura. Ela referia-se a Jack apenas por “o animal” ou “a fera branca”. Pelo

menos um coração não sofreu quando “o animal” foi acidentalmente envenenado no inverno seguinte.

Um ano depois, “Dourado” tornou-se um nome tão evidentemente inadequado para o filhote alaranjado que Walter, que na época estava lendo o livro de Stevenson, rebatizou-o de Doutor Jekyll-Senhor Hyde. Em seu estado de ânimo como Doutor Jekyll, o gato era dorminhoco, afetuoso, manso e caseiro e adorava ganhar carinho e mimos. Em especial, ele amava deitar-se de costas e que lhe acariciassem gentilmente o pescoço cor de creme, enquanto ronronava de prazer com sonolência. Seu ronronar era notório; Ingleside nunca havia tido um gato que ronronasse com tanta frequência e satisfação.

– A única coisa que invejo em um gato é o ronronar – comentou o doutor Blythe certa vez ao ouvir a melodia ressoante do Doc. – É o som mais satisfatório do mundo.

Doc era muito bonito, seus movimentos eram graciosos, e sua pose, magnífica. Quando colocava o longo rabo com anéis escuros ao redor das patas e sentava-se na varanda para contemplar fixamente o espaço por longos intervalos, os Blythes tinham a impressão de que nem a esfinge egípcia seria uma divindade do portal mais adequada.

Quando o Senhor Hyde assumia o controle, o que invariavelmente acontecia antes das chuvas e dos dias ventosos, ele se transformava em um selvagem de olhos vidrados. Era sempre uma transformação repentina. Erguia-se com um salto, rosnando com raiva, e mordida qualquer mão que tentasse aplacá-lo ou acariciá-lo. Seu pelo parecia ficar mais escuro, e os olhos exibiam um brilho maligno. Adquiria uma beleza quase sobrenatural. Se a mudança acontecesse no crepúsculo, os moradores de Ingleside ficavam com medo. Ele virava uma fera aterrorizante que somente Rilla conseguia defender, alegando que ele era só “um gatinho lindo e travesso”. Ele era lindo, disso não havia dúvida.

O Doutor Jekyll adorava leite; já o Senhor Hyde não suportava e defendia com unhas e dentes sua carne. O Doutor Jekyll descia as

escadas tão silenciosamente que ninguém o ouvia. Os passos do Senhor Hyde, no entanto, eram pesados como os de um homem. Em certas noites, quando Susan estava sozinha em casa, ele a “deixava de cabelo em pé” ao fazer isso. Ele tinha o costume de sentar-se no chão da cozinha e encará-la sem piscar por até uma hora. Aquilo a deixava com os nervos à flor da pele, mas a coitada tinha muito pavor e não conseguia afugentá-lo. Ela se atreveu a jogar um graveto na direção dele uma vez, mas o felino prontamente deu um pulo feroz para cima dela. Susan correu para fora e nunca mais ousou afrontar o Senhor Hyde de novo, embora descontasse suas diabruras no inocente Doutor Jekyll, então enxotava-o sempre que apontava o nariz nos domínios dela e negava pedacinhos dos petiscos de que tanto gostava.

– “Para os inúmeros amigos da senhorita Faith Meredith e dos senhores Gerald Meredith e James Meredith” – leu Susan, saboreando os nomes como se fossem caramelos – “foi um grande prazer lhes dar as boas-vindas algumas semanas atrás, quando regressaram da Redmond College. James Blythe, que se graduou em Artes em 1913, acabou de completar o primeiro ano de medicina”.

– Faith Meredith é a criatura mais deslumbrante que já vi – comentou a senhorita Cornelia por cima do crochê. – É incrível como aquelas crianças mudaram depois que Rosemary West foi morar naquela casa. As pessoas quase não se lembram mais de como costumavam ser travessas. Anne, querida, recorda-se de como eles eram? É surpreendente a forma como Rosemary soube educá-los. Ela é mais uma amiga do que uma madrasta. Todos a amam, e Una a adora. Quanto ao pequeno Bruce, Una praticamente se escraviza por ele. O que é compreensível, uma vez que ele é um encanto. E você já viu alguma criança se parecer tanto com uma tia como ele se parece com a tia Ellen? É tão moreno e sério quanto ela. Não vejo nenhum traço da Rosemary nele. Norman Douglas sempre conta, a plenos pulmões, que a cegonha deveria ter trazido Bruce para Ellen e ele, mas acabou levando-o para a casa ministerial por engano.

– Bruce adora Jem – disse a senhora Blythe. – Quando vem aqui, ele segue Jem em silêncio para cima e para baixo como um cachorrinho, com os olhos atentos sob as sobranceiras escuras. Creio que faria qualquer coisa por Jem.

– E Jem e Faith? Quando vão formar um casal?

A senhora Blythe sorriu. Era de conhecimento geral que a senhorita Cornelia, que fora uma ferrenha crítica dos homens, havia se tornado uma casamenteira na terceira idade.

– Eles são só bons amigos ainda, senhorita Cornelia.

– Muito bons amigos, acredite em mim – enfatizou. – Estou bem inteirada do que os jovens andam aprontando.

– Não tenho dúvida de que Mary Vance se encarrega de informá-lo tudo, senhora Marshall Elliott – observou Susan –, mas acho uma vergonha inventar namoricos entre as crianças.

– Crianças! Jem tem vinte e um anos, e Faith tem dezessete – retrucou a senhorita Cornelia. – Não se esqueça, Susan, de que nós, velhos, não somos os únicos adultos no mundo.

Ultrajada, Susan, que detestava que se referissem à idade dela, não por vaidade, e sim por um medo assombroso de que achassem que estava velha demais para trabalhar, voltou a ler as “Notas”.

– “Carl Meredith e Shirley Blythe voltaram da Queen’s Academy na sexta-feira passada. Ele deverá ser o responsável pela escola de Harbour Head no ano que vem, e temos certeza de que será um professor de sucesso e querido por todos”.

– Ele ensinara às crianças tudo que elas precisam saber sobre insetos, de qualquer forma – disse a senhorita Cornelia. – O senhor Meredith e a Rosemary queriam que ele fosse direto para Redmond agora que ele terminou os estudos na Queen’s, mas Carl tem uma natureza muito independente e quer juntar parte do dinheiro para bancar os estudos universitários. Acho que se sairá muito bem.

– “Walter Blythe, que deu aula em Lowbridge nos últimos dois anos, deixou o cargo” – leu Susan. – “Ele pretende ir para Redmond no outono”.

– Walter já está pronto para Redmond? – inquiriu a senhorita Cornelia, preocupada.

– Esperamos que esteja até o outono – disse a senhora Blythe. – Um verão de ócio, ar fresco e sol lhe fará maravilhas.

– É difícil se recuperar da febre tifoide – disse a senhorita Cornelia com ênfase –, principalmente em quadros gravíssimos, como foi o caso do Walter. Acho que ele deveria esperar mais um ano antes de ir para a faculdade. No entanto, é tão ambicioso! Di e Nan irão também?

– Sim. As duas queriam lecionar por mais um ano, contudo Gilbert acha melhor elas irem para Redmond neste outono.

– Que bom. Elas ficarão de olho em Walter para que não estude excessivamente. – A senhorita Cornelia olhou de soslaio para Susan. – Suponho que, depois da reprimenda que recebi minutos atrás, não seja seguro sugerir que Jerry Meredith está arrastando a asa para Nan.

Susan a ignorou, e a senhora Blythe riu novamente.

– Querida senhorita Cornelia, fico tão ocupada com essas histórias de paquera ao meu redor entre todos esses garotos e garotas que, se eu as levasse muito a sério, isso acabaria comigo. Todavia não estou... é só difícil aceitar que eles cresceram. Quando olho para esses meus filhos tão altos, pergunto-me se eles são os mesmos bebês doces e gorduchos que eu beijava e ninava até pouco tempo atrás... até muito pouco tempo atrás, senhorita Cornelia. Jem não era o bebezinho mais adorável, na velha Casa dos Sonhos? E agora é um bacharel em Artes, acusado de estar de namoricos.

– Estamos todas ficando mais velhas – suspirou a senhorita Cornelia.

– A única parte de mim que se sente velha – disse a senhora Blythe – é o tornozelo que quebrei quando Josie Pye me desafiou a andar sobre o telhado dos Barrys, em Green Gables. Ele lateja quando o vento

sopra do leste. Não quero admitir que seja reumatismo, mas dói. Quanto às crianças, eles e os Merediths estão planejando um verão divertido antes do início das aulas. É uma turminha tão animada! Eles mantêm essa casa em um perpétuo turbilhão de alegria.

– Rilla vai para a Queen’s quando Shirley voltar?

– Ainda não decidimos. Imagino que não. O pai dela acha que ainda não está na hora; ela cresceu demais e está muito alta para uma garota de quinze anos. Fico aflita só de pensar... seria terrível não ter nenhum dos meus bebês aqui comigo no próximo inverno. Susan e eu teríamos que brigar para quebrar a monotonia.

Susan sorriu. Imagine, brigar com a “querida senhora”!

– Mas a Rilla quer ir? – perguntou a senhorita Cornelia.

– Não. A verdade é que Rilla é a única do meu rebanho que não é ambiciosa. Gostaria que ela tivesse mais sonhos. Ela não tem nenhuma aspiração... Parece-me que seu único interesse é se divertir.

– E o que há de mal nisso, querida senhora? – exclamou Susan, que não suportava ouvir uma palavra sequer contra os moradores de Ingleside, mesmo que dita por algum deles. – Uma garota deveria poder se divertir, e nada me fará mudar de opinião. Ela terá tempo de sobra para se preocupar com latim e grego.

– Gostaria que ela fosse mais responsável, Susan. Você sabe o quanto ela é absurdamente vaidosa.

– E ela tem bons motivos – retrucou Susan. – É a garota mais linda de toda Glen St. Mary. Você acha que aquelas pessoas que moram do outro lado do porto, os MacAllisters, os Crawfords, os Elliotts, seriam capazes de produzir uma cútis como a de Rilla em quatro gerações? Não. Querida senhora, eu conheço bem o meu lugar, só que não posso permitir que critique Rilla. Ouça, senhora Marshall Elliott.

Susan encontrou uma chance de se vingar dos comentários da senhorita Cornelia sobre a vida amorosa das crianças. Ela leu o trecho com gosto:

– “Miller Douglas decidiu não se mudar para o Oeste. Ele disse que a velha Ilha do Príncipe Edward é boa o bastante para ele e que continuará trabalhando na fazenda da tia, a senhora Alec Davis”.

Susan lançou um olhar cortante para a senhorita Cornelia.

– Ouvi dizer, senhora Marshall Elliott, que Miller está de olho em Mary Vance.

Aquilo atravessou a armadura da senhorita Cornelia. Seu rosto belo e redondo corou.

– Não vou permitir que Miller Douglas se aproxime de Mary – disparou. – Ele vem de uma família muito baixa. O pai dele era meio que um pária do clã; eles nunca o consideraram realmente um membro. E a mãe era uma Dillon, aquela família terrível de Harbour Head.

– Acho que ouvi falar, senhora Marshall Elliott, que os pais de Mary Vance também não eram o que se chamaria de aristocratas.

– Mary Vance teve uma boa criação e é uma garota esperta, inteligente e capaz – respondeu a senhorita Cornelia. – Ela não vai se contentar com Miller Douglas, acredite em mim! Ela sabe minha opinião sobre isso; além do mais, ela nunca me desobedeceu.

– Bem, acho que não precisa se preocupar, senhora Marshall Elliott, pois a senhora Alec Davis também é absolutamente contra. Ela diz que o sobrinho dela não vai se casar com uma borra-botas como Mary Vance.

Sentindo que havia levado a melhor, Susan leu outra “nota”.

– “Ficamos contentes em saber que a senhorita Oliver continuará como professora por mais um ano. Ela desfrutará das merecidas férias em Lowbridge”.

– Alegro-me em saber que Gertrude não vai embora – disse a senhora Blythe. – Sentiríamos muito a falta dela. E ela tem uma ótima influência sobre Rilla, que a venera. Apesar da diferença de idade, as duas são grandes amigas.

– Achei que ela iria se casar.